

Ao revés

“Ao revés” tem como sinônimo o contrário, reverso, mas também carrega o sentido de infortúnio, obstáculo, problemas, resistência. Como pensar, portanto, no erotismo em seu contrário, mas também em seus obstáculos e seus desvios colaterais? Estaria o revés do erotismo, já no próprio erotismo?

Diz Bataille (1957/2021), que ainda que a atividade erótica seja uma exuberância de vida, o sentido último do erotismo é a morte.

Sabemos que foi tarefa humana fazer da atividade sexual uma atividade erótica, construindo uma independência entre o erotismo e a reprodução como finalidade. Mas ainda assim, o sentido da reprodução não deixa de ser a chave do erotismo, que se dá na dinâmica continuidade/descontinuidade, em instantes de flerte entre a vida e a morte. Porque a reprodução nos coloca como seres descontínuos, distintos uns dos outros. E ao nos posicionar como descontínuos, ela põe em jogo o quanto não suportamos sermos uma unidade isolada e perecível, o que nos condena à nostalgia de uma continuidade perdida.

É esta nostalgia, segundo Bataille, que move o movimento erótico a uma convulsão interior como na experiência orgástica (ou *petit mort*), pois na passagem do estado normal ao desejo erótico há a dissolução do ser na ordem descontínua. Portanto, o sentido último do erotismo é a morte como fusão e supressão de limite.

Freud (1920/2010) também afirma que o objetivo da vida é morrer, assim como também descola a sexualidade do erotismo.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1969) inscreve a sexualidade biológica no campo do desejo, que

erotiza por onde passa, e cujo destino é a incompletude. Mediada pela fantasia, a sexualidade é erotismo, sendo a erótica a forma com que cada um se organiza em torno do vazio, da falta; em torno da perda do objeto, sempre inalcançável, como nos apresenta Buñuel no seu filme *Esse obscuro objeto do desejo* (1977).

Por outro lado, ao afirmar que o objetivo da vida é morrer, Freud (1920/2010) mostra que a pulsão de morte, mais primitiva que a de vida, erotizante, exerce uma força por restaurar um estado anterior, inanimado. Em *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011), ele também relaciona a busca pela quietude do mundo inorgânico à quietude pós orgasmo.

Um dos caminhos do encontro do erotismo com as forças criativas da pulsão de vida é a produção cultural sublimatória. No entanto, como nos dizem Bataille (1957/2021) e Freud (1920/2010), o erotismo e a própria sublimação podem ter outras vinculações, além do princípio do prazer.

Vamos pensar na questão que propõe Galard (2012) sobre como suportar a beleza ligada à crueldade.

Ele toma a fotografia de Hocini Zaourar (23 de setembro de 1997) em cobertura do massacre de Bentalha, na Argélia. Uma mulher desmaiando de dor, em desespero, encosta-se a uma parede. Rapidamente essa imagem tornou-se ícone, conquistou o prêmio World Press e foi apelidada de *Pietà* de Hocini. Diferentemente da foto de Nick Ut (8 de junho de 1972), que desde 1972 incomoda o espectador com a menina vietnamita correndo em um bombardeio de Napalm, a imagem de Hocini evoca um afresco, uma *Madonna*, a pintura de um mestre.

Aqui, trata-se de abuso estético, pois o prazer experimentado diante dessa imagem é uma emoção que sentimos, não “à despeito de sua dor, e sim por causa de seu sofrimento tão magnificamente expresso” (Galard, 2012, p. 21). Uma estetização, portanto, que transforma pessoas e situações em espetáculo a ser usufruído, sem nele estar implicado. A beleza desejada a qualquer preço, um olhar que se interessa muito mais pela imagem do que por aquilo que ela mostra, eis a operação do esteticismo, que poderia se posicionar no limiar da vida e da morte. Pois, ainda com Bataille (1957/2021), pode haver na busca pela beleza um movimento para simultaneamente atingir a continuidade e para dela escapar. Um limite com o qual se concorda apenas para que ele possa ser excedido, posto que o belo é desejado para ser conspurcado; a alegria de profanar indica a transgressão como essência do erotismo.

Por sua vez, Byung-Chul Han (2013) indica que, em um mundo com pretensões de transparência e entregue ao imediatismo, não há lugar para a sedução que envolve o prazer erótico, no sentido de desvelar e se dedicar aos mistérios do outro; não há lugar para uma experiência erótica verdadeira, uma abertura radical ao outro em sua alteridade. Tudo se transforma em evidência, e em objeto de consumo.

A transparência nas relações com as mídias, imagens e tecnologias, quando demasiadamente clarificadas, tornam-se pornográficas, espetacularizadas. Cada um se expõe pornograficamente, diz Han (2013), e se sente satisfeito ao ser espiado por todos. Neste cenário de positividade absoluta, onde colocar a tensão erótica? Não é obsceno o rosto que se mostra sem mistérios, transparente, reduzido à pura exposição? Tocamos assim nos aspectos alienantes da sociedade do espetáculo (Debord, 1997), e esta como uma sociedade pornográfica (Han, 2017).

Para discutir o erotismo e seu revés em seus mais diversos sentidos, contamos com a colaboração de vários autores. Paula Sibilia

(Buenos Aires) discute a dificuldade da separação público e privado, realidade e ficção, que leva à pornificação da cultura visual. O artigo do professor Raúl Antelo (Santa Catarina) trata do amor, amor ao conhecimento e da erótica da linguagem, sentido produzido sensualmente na dinâmica dor e gozo. Por sua vez, Giannina Bardales Aranibar (Lima) conta como as obras da sala “Erótica” do Museu Larco sofreram violência cultural ao serem reduzidas a representações eróticas, e não o fruto do sistema de crenças dos povos pré-colombianos. E Victor J. Krebs (Lima) discute os caminhos e descaminhos de Eros na cultura digital e informatizada. Por fim, Victoria Brocca (Cidade do México) mostra o aumento da violência, particularmente a masculinidade violenta, produzido pelo modelo produtivo pós fordista.

Referências

- Bataille, G. (2021). *O erotismo* (F. Scheibe, trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1957).
- Buñuel, L. (diretor). (1977). *Esse obscuro objeto do desejo* [filme]. Serge Silberman.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Contraponto.
- Freud, S. (1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Galard, J. (2012). *Beleza exorbitante*. FAP/Unifesp.
- Han, B.-C. (2013). *La sociedad de la transparencia* (R. Gabás, trad.). Herder.
- Han, B.-C. (2017). *Agonia do Eros*. Vozes.
- Hut, N. (8 de junho de 1972). *A menina do Napalm* [fotografia]. Associated Press.
- Zaourar, H. (23 de setembro de 1997). *Madonna de Bentalha* [fotografia]. Agence France-Presse.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.